

SÓFOCLES

ANTÍGONA

TRADUÇÃO DE
**MILÔR
FERNANDES**

1ª edição



PAZ & TERRA

Rio de Janeiro | São Paulo

2021

PREFÁCIO

A PERMANÊNCIA DE ANTÍGONA

*Adriane da Silva Duarte*¹

A tragédia nasce na Grécia como expressão da cidade democrática, ávida por passar em revista as velhas histórias narradas pelos poetas épicos ou transmitidas pelos mitos. O drama, além de trazer para diante dos olhos as personagens em ação, é polifônico, garantindo a cada uma delas a manifestação de pensamentos, diversos e por vezes inconciliáveis. No centro da trama está a personagem coletiva do coro, que evoca a presença do cidadão e promove o vínculo entre espectadores e personagens, deuses e homens — sim, porque o teatro, para os gregos, é parte dos festivais religiosos.

1. Professora de Língua e Literatura Grega na Universidade de São Paulo, pesquisadora do CNPq e coordenadora do Grupo de Pesquisa Estudos sobre o Teatro Antigo

Antígona trata de vários temas sensíveis: a polarização destrutiva que mergulha a cidade em guerra civil, o exercício do poder absoluto, a necessidade de respeitar os mortos. A tragédia tem início com a proclamação de uma lei que proíbe aos tebanos prestar honras fúnebres a Polinices — um dos filhos de Édipo —, morto em combate contra Tebas. Sua morte foi o ponto final da disputa fratricida entre ele e Etéocles, que levaram às últimas consequências seu desentendimento sobre como dividir o trono. Creonte, tio dos jovens, assume o poder disposto a se impor. Não admite ser contrariado e exige dos cidadãos total obediência. Antígona não concebe deixar o irmão insepulto e, a custo da própria vida, desobedece ao decreto. Como resultado, é presa e condenada à morte, e Creonte, à vida, já que sobrevive para suportar o peso terrível de seus atos.

Em cena, Sófocles contrapõe Antígona e Creonte, cada qual defendendo aguerridamente sua visão de mundo. Ele, a primazia do governo dos homens e da cidade; ela, a lei ancestral dos deuses e a devoção à família. Seriam, de fato, posições inconciliáveis? Com quem está a razão? O coro, a princípio, apoia

Creonte, mas termina por concordar com Antígona, sem deixar de apontar excessos evitáveis nos dois. Esse embate, assim como o desentendimento entre os irmãos Polinices e Etéocles — do qual deriva —, termina mal para ambos os contentores, elevando a tensão trágica ao ápice.

Desde que foi composta, há quase 2.500 anos, *Antígona* sempre esteve em evidência, mas há cerca de cem anos tornou-se onipresente nos teatros e nas livrarias mundo afora. A tragédia de Sófocles sobre a filha obstinada de Édipo ganha relevância sempre que, assombrados pelos mortos, precisamos resistir. Foi assim durante a Guerra Civil Espanhola e a Segunda Guerra Mundial; é assim quando a pandemia de Covid-19 ceifa vidas aos milhares, impondo restrições às cerimônias fúnebres. Não que nos entreatos *Antígona* se torne irrelevante, mas nesses momentos agudos ela se faz necessária, para nos lembrar que é preciso respeitar os mortos.

Durante a vigência das ditaduras que assolaram o continente americano na segunda metade do século XX, ela também esteve presente, inspirando a resistência a arroubos autoritários. A tradução

de Millôr Fernandes se insere nesse contexto e foi feita por encomenda para a montagem que José Renato realizou em São Paulo, em 1969 — com Eva Wilma e Leonardo Villar nos papéis principais —, chamada *Ato sem perdão*. A essa altura, Millôr já era um tradutor experiente e requisitado de teatro; dois anos antes havia vertido outro texto grego, a comédia *Lisístrata*, de Aristófanes, a pedido de Ruth Escobar, que atuou como protagonista. Entre as duas montagens foi promulgado o AI-5, cuja consequência foi o endurecimento da ditadura e o incremento da censura às artes e aos espetáculos.

É contra esse cenário que se explicam essa e outras encenações de *Antígona* que a sucederam no mesmo período, já que a heroína de Sófocles está talhada para simbolizar a revolta contra a opressão. E, por se tratar de um clássico da Grécia Antiga, tinha ainda a vantagem de escapar ao radar dos censores. Os artistas, no entanto, não deixavam que passassem despercebidas ao público as relações entre a história de Antígona e o presente histórico. Millôr empresta a Creonte traços tirânicos mais

fortes do que o rei ostenta em Sófocles, acentuando seu caráter despótico. Da mesma forma, apresenta Polinices como um rebelde, morto em revolta contra o governo tebano, e Antígona como subversiva. Diz ela: “O povo fala. Por mais que os tiranos apreciem um povo mudo, o povo fala. Aos sussurros, a medo, na semiescuridão, mas fala” (p. 49).

Millôr Fernandes traduz para a cena, mas se suas traduções chegam aos livros e continuam a ser reeditadas é graças à qualidade de seu texto. Um redator anônimo de *O Estado de S. Paulo*, quando da estreia de *Ato sem perdão*, ressaltou que Millôr emprestou à obra de Sófocles “uma linguagem viva e atual, sem prejuízo às demais características da tragédia” (28/08/1969, p. 14). Esse frescor permanece mesmo passados cinquenta anos, como prova o sucesso da montagem recente de Amir Haddad e Andrea Beltrão, em 2017, que parte do mesmo texto.

Em um depoimento para *O Pasquim*, em 1969, Millôr tratou a tradução como “uma adaptação de *Antígona* [...], toda sobre o original de Sófocles (talvez [com] uma ou outra ressonância de Brecht

e, meu Deus, não tem nada a ver com Anouilh)”. Adaptação porque não pretendia verter literalmente a tragédia de Sófocles, mas, sim, sem descaracterizá-la, enfatizar o que lhe parecia mais notável. Também é clara a intenção de fazer a obra mais acessível aos espectadores contemporâneos, adotando uma linguagem clara e, sempre que possível, explicitando os meandros da trama, características de que o leitor também se beneficia, na presença de rubricas explicativas, por exemplo. Manteve-se, assim, fiel ao princípio que ele próprio enunciara: “ao traduzir, é preciso ter todo rigor e nenhum respeito pelo original” (*Revista Língua portuguesa*, n. 1, 2005).

Para o palco, Millôr Fernandes dotou a tragédia de Sófocles de um prólogo que, além de localizar o espectador, apresentando um resumo da trama, o convida a apreciar essa velha história com olhos novos e sob o signo da luta e da esperança. Nada mais apropriado do que terminar esta breve apresentação com o segmento final desse prólogo:

Ainda não acreditamos que no final
O bem sempre triunfa.
Mas já começamos a crer, emocionados,
Que, no fim, o mal nem sempre vence.
O mais difícil da luta
É descobrir o lado em que lutar.²

2. O Prólogo de *Ato sem perdão* foi reproduzido a partir de texto, atribuído ao próprio Millôr Fernandes e publicado em *La Insignia*, 10/06/2005 (disponível em <www.lainsignia.org/2005/junio/cul_011.htm>). Por fim, vale anotar que, enquanto no último verso o texto traga “descobrir”, Eva Wilma emprega “escolher”, sendo prática comum aos atores ajustarem o texto à própria fala e ao palco.

ANTÍGONA

CENA: Tebas, praia em frente ao Palácio Real, onde outrora residia Édipo. Ao fundo o palácio, com três portas, das quais a maior, no centro. É madrugada do dia em que os irmãos de Antígona, Etéocles e Polinices, morrem lutando às portas de Tebas. Tendo fugido os argivos, atacantes da cidade, Creonte, o rei, é o grande herói do dia.

ANTÍGONA — Ismênia, minha adorada irmã, existe ainda alguma desgraça que Zeus não nos tenha infligido por sermos filhas de Édipo? Tudo quanto é doloroso e funesto, tudo quanto é infame e vergonhoso caiu sobre a nossa cabeça sem diminuir a fúria

desse deus. Da estirpe orgulhosa e sofrida de Laio, resta só nós duas. E agora, essa proclamação que nosso comandante lançou a toda Tebas. Que sabes dela? Ouviste alguma coisa? Ou ignoras que os que amamos vão ser tratados como inimigos?

ISMÊNIA — Não ouvi coisa alguma, nem de mau nem de bom, sobre nossos irmãos, desde a hora infeliz em que trocaram golpes fatais às portas da cidade. A última coisa que ouvi foi o tropel dos cavalos de Argos fugindo noite adentro. Nada mais me chegou de que eu pudesse me alegrar ou entristecer.

ANTÍGONA — Eu bem sabia. Por isso te trouxe aqui fora, para que ninguém nos ouça.

ISMÊNIA — Ó céus! Teu rosto antecipa a angústia do teu coração.

ANTÍGONA — Um e outro, os dois, ambos — nossos irmãos morreram nessa guerra sem fim que travamos contra Argos, por umas miseráveis escavações de argila e cobre. Polinices, quase menino, acreditava em Argos e morreu por ela. Etéocles, ainda mais jovem, lutou até o fim, defendendo do próprio irmão a última porta de Tebas. Separados na vida, também não poderão se reencontrar sob o manto da terra. Para Etéocles, que morreu nobremente pela pátria e pelo direito, Creonte ordenou pompas de herói, respeito total e detalhado a todos os ritos e costumes. Mas o corpo do desgraçado Polinices, o traidor, não terá sepultura. Vieram me dizer — o edital do rei proclama

que ninguém poderá enterrá-lo, nem sequer lamentá-lo, para que, sem luto ou sepultura, seja banquete fácil dos abutres. Esse é o edital que o bom Creonte preparou para ti e para mim — para mim, sim! — e que virá aqui comunicar mais claramente aos que pretendem não tê-lo entendido. Sua decisão é fria, e ameaça quem a desrespeitar com a lapidação, morte a pedradas. Agora sabes tudo. Logo poderás demonstrar se tu mesma és nobre ou se és apenas filha degenerada de uma raça nobre.

ISMÊNIA — Minha pobre irmã, se o caso é esse, que importa o que eu faça ou o que eu não faça?

ANTÍGONA — Pergunto se queres dividir comigo o trabalho e o perigo.

ISMÊNIA — Com que aventura me tentas? Que sentido têm tuas palavras?

ANTÍGONA — Procuo teu auxílio para enterrar um morto.

ISMÊNIA — O morto que Tebas renegou?

ANTÍGONA — O morto que se revoltou.

ISMÊNIA — Você tem a audácia de enfrentar o edital de Creonte e a ira do povo?

ANTÍGONA — Nenhum dos dois é mais forte do que o respeito a um costume sagrado. Enterro meu irmão, que é também o teu. Farei a minha e a tua parte se tu te recusares. Poderão me matar, mas não dizer que eu o traí.

ISMÊNIA — Ai de mim! Lembra, irmã, que nosso pai morreu odiado e vilipendiado,

depois que, juiz terrível, encontrando nele mesmo o culpado que tanto procurava, arrancou, com as próprias mãos, ambos os olhos. Depois a mãe e esposa, duas mulheres numa só, abandonou a vida pendurando-se numa corda ignominiosa. Hoje a terceira desgraça: perdemos, num só dia, dois irmãos, um derramando o sangue do outro, se dando mutuamente o golpe de extermínio. E agora nós — nós duas sozinhas —, pensa bem que fim será o nosso, mais miserável do que todos, se desprezarmos o decreto do rei, desafiarmos sua força. Não, temos que lembrar, primeiro, que nascemos mulheres, não podemos competir com os homens; segundo, que somos todos dominados pelos que detêm a força e temos que obedecer a eles, não apenas nisso, mas em coisas bem mais humilhantes. Peço perdão aos

mortos que só a terra oprime: não tenho como resistir aos poderosos. Constrangida a obedecer, obedeço. Demonstrar uma revolta inútil é pura estupidez.

ANTÍGONA — Pois obedece então a teus senhores e glória a ti, irmã. Eu vou enterrar o *nosso* irmão. E me parece bela a possibilidade de morrer por isso. Serei amada para sempre pelos que sempre amei e junto deles dormirei em paz. Devo respeitar mais os mortos do que os vivos, pois é com eles que vou morar mais tempo. Mas tu és livre para ficar com os vivos e desonrar os mortos.

ISMÊNIA — Eu não desonro nada; apenas não me sinto com forças para desafiar o Estado.

ANTÍGONA — Se a explicação te satisfaz, vive com ela; eu vou colocar terra sobre o corpo humilhado do meu pobre irmão.